

HARMONIA VOCÁLICA VARIÁVEL NO SISTEMA VERBAL DO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

- Luiz Carlos Schwindt & Gisela Collischonn -



RESUMO: *This study searches for subsidiary information about the neogrammarian or diffusionist features of Brazilian Portuguese variable vowel raising. This raising, known as vowel harmony, has received neogrammarian (Bisol, 1981) and diffusionist interpretation (Oliveira, 1992). Focalizing on verbs, we reanalyze data from Schwindt (1995), a quantitative analysis of the raising of the pretonic vowels /e/ and /o/ in the samples of Porto Alegre, Florianópolis and Curitiba of the Projeto VARSUL corpus. We restricted investigation to variable /e/ raising in verbs. Data were classified according factor groups referring to verbal classes and morphological boundaries intervening between trigger and target of raising. The VARBRUL program analysis has shown that both verbal classes and morphological boundaries play a role in raising application. We discuss the implications of these findings in relation to the two types of phonological rules.*

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Harmonia Vocálica. Difusão Lexical.

1 INTRODUÇÃO

Ainda que não se tenha como intenção primeira discutir a controvérsia entre variação em moldes neogramáticos/difusão lexical neste trabalho, pretende-se, a partir do relato de um trabalho descritivo cuidadoso que olhou para o fenômeno de harmonia vocálica (variável) nos verbos, oferecer subsídios que contribuam com essa discussão.

Labov (1981) aborda a controvérsia entre um modelo teórico inspirado nas hipóteses dos neogramáticos - de que as mudanças sonoras não têm exceções e são condicionadas por fatores fonéticos e não gramaticais - e um modelo teórico inspirado nas descobertas da dialetologia e em pesquisas mais recentes - de que as mudanças sonoras acontecem palavra por palavra, isto é, são lexicalmente graduais, podendo, portanto, apresentar inúmeras exceções e influenciarem-se por fatores gramaticais. Para Labov (1981), os dois modelos estão corretos porque há dois tipos de fenômenos: (a) os neogramáticos - que têm condicionamento fonético claramente identificável - não são determinados por informações gramaticais e não têm exceções lexicais (entre outras

propriedades, v. Labov, 1981, p. 296) e (b) os difusionistas - que não têm condicionamento fonético claro - atingem as palavras gradualmente e podem ser influenciados por informações gramaticais. Mais tarde, Kiparsky (1988) constata que os conjuntos de propriedades de cada tipo de mudança se sobrepõem de modo considerável às propriedades de regras pós-lexicais, de um lado, e lexicais, de outro e, com isso, acrescenta a um e outro tipo mais uma síndrome de propriedades relacionadas com a teorização fonológica.

Confrontados os dados da harmonia vocálica do português falado no sul do Brasil (Bisol, 1981; Schwindt, 1995/2002) com os de Belo Horizonte (Oliveira, 1992; Viegas, 1987), observam-se diferenças importantes: elevações categóricas desta variedade do português são, naquela, de caráter variável (e.g. curri, currido/ murri, murria, murrido/ pudia, pudido). Quanto à forma de implementação da regra, Oliveira (1992) e Viegas (2003) defendem que o processo não é uniforme em termos lexicais, isto é, implementa-se pela forma da difusão lexical. Por outro lado, em outros trabalhos, como Bisol (1981) e Callou, Leite e Moraes (2003), o processo é considerado de natureza neogramática.

No presente trabalho, propomo-nos

Luiz Carlos Schwindt e Gisela Collischonn são professores do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Versão anterior deste trabalho foi apresentada no VIII Congresso Nacional de Fônica e Fonologia e II Congresso Internacional de Fônica e Fonologia, em novembro de 2004, na Universidade Federal do Maranhão.

investigar os dados dos verbos presentes no *corpus* de Schwindt (1995), relativos às três capitais que integram os dados do VARSUL, a saber, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A elevação da vogal /e/ pretônica é claramente favorecida pelo seguinte contexto: uma vogal alta em sílaba subsequente; razão por que ficou conhecida como harmonia vocálica da pretônica (cf. Bisol, 1981).¹ Quanto à elevação da vogal /o/, por outro lado, o número de diferentes contextos segmentais que favorecem a elevação (questões fonotáticas, segmentos consonantais adjacentes), além do próprio fator vogal alta subsequente, fazem com que o fenômeno fique relativamente obscurecido (Callou, Leite e Moraes, 2002, p.13).² Este foi o motivo que nos levou a focalizar em nossa análise tão-somente os verbos com pretônica E – a mais vulnerável ao fenômeno em investigação.

Além desse recorte, delimitamos nossa análise apenas a casos em que a pretônica E fosse seguida (na sílaba imediata ou depois) de vogal /i/ (p. ex. *precisa, legalizar*), contextos que chamamos de homorgânicos em distinção aos contextos não-homorgânicos em que a vogal pretônica E é seguida de vogal /u/ (*enferruja, prejudica*) (cf. Bisol, 1981). Esta delimitação justifica-se pelo fato de que observamos que a quantidade de dados de contextos homorgânicos é significativamente superior aos dados de contextos não-homorgânicos, razão por que restringimos a nossa análise (5540/1071, conforme Schwindt 2002).³

A análise procura trazer informações para respondermos as seguintes questões:

- a) enquanto regra variável, qual é a frequência de aplicação do processo em verbos?
- b) onde se localizam os condicionadores do processo: dentro da palavra, na raiz ou nos sufixos flexionais?

Essas perguntas, aparentemente de caráter puramente empírico, têm conseqüências teóricas importantes, dado que a discussão sobre se um processo é neogramático ou difusionista envolve o papel das classes de palavras e da estrutura interna da palavra. A partir do equacionamento proposto por Kiparsky (1988) entre regras lexicais e comportamento difusionista e regras pós-lexicais e comportamento neogramático, entendemos que estas últimas não possam fazer referência nem a constituintes morfológicos internos nem a classe gramatical das palavras. Segundo Kaisse e Shaw

(1985, p. 4), a informação presente numa entrada lexical, seja referente à estrutura morfológica interna seja referente a eventuais características excepcionais, torna-se invisível no componente pós-lexical. Adotando-se a perspectiva da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) de que as regras fonológicas, especialmente as pós-lexicais, não têm acesso a informação sobre a categoria sintática das palavras, fenômenos com características neogramáticas/pós-lexicais apenas podem fazer referência a constituintes prosódicos. Conseqüentemente, prevê-se a não-existência de fenômenos de tipo neogramático que apresentem variação condicionada pela classe da palavra ou por determinados morfemas, porque constituiriam evidência contrária aos pressupostos acima adotados.

Além disso, este trabalho pretende colocar uma terceira questão, embora não tenhamos ainda elementos para respondê-la: Sendo o processo de natureza difusionista, isto é, se é a palavra que muda e não o ‘som’, como podemos entender o funcionamento disso no paradigma verbal? o que muda, a forma de palavra ou o morfema lexical?

Para esclarecer, se uma forma verbal tem contexto para elevação, por exemplo, *mexi*, e conseqüentemente há a elevação da vogal, o que ocorre com as outras formas do paradigma que não possuem contexto?

Listamos, para exemplificar, aqui, algumas formas do verbo *mexer*: (a) temos formas em que a vogal média é tônica – *mexo, mexa*; (b) outras em que ela é pretônica seguida de alta – *mexia, mexi, mexeria*; (c) outras em que é pretônica mas não seguida de alta – *mexemos, mexessem*.

Apenas as formas do verbo em (b) têm contexto para elevação por harmonia; as demais não possuem contexto, seja porque a vogal-alvo é tônica – casos ilustrados em (a) –, seja porque não há vogal alta para desencadear a harmonia.

Exemplos como esse são especiais para a discussão do fenômeno por vários motivos. Em primeiro lugar, nessas formas pode-se testar a produtividade do fenômeno da elevação. Como adverte Viegas (2003, p. 309), muitos itens lexicais podem ter sido incorporados já com a vogal alta (por exemplo, *ciroulas, tupete, murcego*), mas mantiveram a grafia com e ou o; para reforçar essa idéia, a autora lembra que recentemente se observou a incorporação do item *tal[i]ban*, realizado com a vogal alta, no entanto, freqüentemente grafado com

e. Sendo assim, para muitos itens lexicais, não podemos saber se estamos diante de um caso simples de discrepância entre grafia e pronúncia ou diante de um caso sincrônico de elevação.⁴

Os verbos, entretanto, permitem observar a elevação, pois o mesmo segmento ora é tônico ora é átono pretônico, como nas formas *devo* e *devi*. Como as vogais tônicas não estão sujeitas a elevação, encontramos assim, possibilidade de alternância que pode, sim, ser interpretada como um caso de variação sincrônica.

Além disso, os verbos permitem testar a hipótese de que a elevação é resultante de harmonia vocálica, pois, visto que há formas no mesmo paradigma que não têm vogal alta subsequente, nem todas as formas têm contexto para harmonia. Se essas formas não apresentarem a elevação (exemplo *r[e]cebo*, em contrapartida às formas que têm contexto de vogal alta (exemplo *r[i]c[i]bia*), podemos constatar a atuação da harmonia. Se, por outro lado, essas formas apresentarem a elevação (exemplo *?r[i]cebo*, podemos afirmar que a elevação nada tem a ver com harmonia e não se caracteriza como um processo neogramático.⁵

Para contextualizar a nossa discussão, apresentamos brevemente, na próxima seção, algumas observações sobre o fenômeno em questão coletadas em análises anteriores.

2 A ELEVÇÃO DA PRETÔNICA /E/

Como já dissemos, a nossa análise utiliza os dados dos verbos presentes no *corpus* de Schwindt (1995) relativos às capitais do sul do Brasil. Antes de mais, daremos algumas informações sobre as análises anteriores dessas amostras (Schwindt, 1995 e Schwindt, 2002). Em primeiro lugar, cabe lembrar que essas análises interpretam o fenômeno da elevação como harmonia, isto é, como um processo de assimilação regressiva entre vogal pretônica e vogal alta subsequente. A vogal pretônica será então o alvo da harmonia, enquanto a vogal alta será chamada de gatilho (*trigger*) do processo de assimilação.

Tabela 1 – Aplicação geral da Harmonia Vocálica para /e/ (Schwindt, 1995)

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
Porto Alegre	289/856	33	0,43
Floripa	448/1184	38	0,49
Curitiba	404/937	43	0,58

INPUT 0,33 SIGNIF.: 0,000

Os resultados mostram um uso moderado da elevação, com índices inferiores a 50%, ainda que se observe um crescimento no uso da regra, à medida que nos afastamos do extremo sul do país. Resultados de outra análise (Schwindt, 2002), reunindo dados de todo o Rio Grande do Sul (entrevistas do Banco VARSUL), dão indícios para discussão sobre o papel dos colchetes morfológicos.

Tabela 2 – Localização morfológica do gatilho para /e/ no RS

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
raiz	1165/3679	32	0,59
<i>pesqu[i]sa</i>			
sufixo verbal	992/1906	52	0,59
<i>sent[i]a</i>			
sufixos nominais	187/832	22	0,37
<i>fregues[i]a</i>			
-inho	61/194	31	0,41
<i>aparelh[i]nho</i>			
Total	2405/6611	36	0,34

INPUT 0,34 SIGNIF.: 0,000

Como aponta Schwindt (2002), observa-se tendência de aplicação da elevação quando gatilho e alvo da regra estiverem na raiz ou quando o alvo estiver na raiz e o gatilho no sufixo verbal. Por outro lado, parece haver resistência de aplicação quando o alvo estiver na raiz e o gatilho em um sufixo derivacional, o que indica que este tipo de fronteira morfológica parece constituir barreira prosódica para aplicação da harmonia.

O foco do presente trabalho recai especialmente sobre os casos em que o alvo estiver na raiz e o gatilho no sufixo verbal. Conforme os resultados da tabela acima, não há diferença de aplicação entre esses casos e aqueles em que tanto alvo quanto gatilho encontram-se na raiz. Entretanto, por não distinguir entre os diversos tipos de sufixo flexional verbal, a análise pode estar mascarando diferenças significativas no âmbito dos verbos, como constataremos a seguir.

3 A ANÁLISE

Para o estudo aqui apresentado, reclassificamos os dados de Schwindt (1995) – com recorte nos verbos com vogal pretônica /e/ -, incluindo os seguintes grupos de fatores, os quais descrevemos com algum detalhe a seguir:



- a) Conjugação
1ª, 2ª e 3ª conjugações
- b) Localização do gatilho
no radical (precisa), no tema verbal (seguisse), no sufixo de participio (seguido), no SNP de pretérito perfeito (bebi), no SMT de pretérito imperfeito (bebia) e no SMT de futuro do pretérito (seria) e na vogal do radical tornada alta por metafonia (prefiro)⁶
- c) Informantes
Nesta variável, cada informante foi considerado um fator.

O grupo de fatores Conjugação, foi, na verdade, uma primeira aproximação aos dados, para verificar o interesse da nossa análise. Fique claro que não tínhamos como hipótese que uma determinada conjugação, por si só, favorecesse a elevação; entretanto, dado que a 2ª e a 3ª conjugações apresentam maior possibilidade de contextos para a elevação (cf. Bisol, 1989, p. 196), propusemos, como hipótese a ser testada, a possibilidade de haver taxas maiores de elevação nestas conjugações. Em análises anteriores, como Bisol (1981) e Schwindt (1995), embora não tenha sido feita a observação em separado da categoria de verbos, podemos verificar alguns aspectos do comportamento dos verbos de segunda e terceira conjugação, comparados aos de primeira, em fatores de determinados grupos da análise. Entretanto, não há como verificar, por exemplo, se há comportamento distinto entre verbos de segunda e de terceira conjugação.⁷

A análise por informante tem o objetivo principal de verificar a homogeneidade da amostra, ou seja, de verificar se o comportamento individual dos informantes se mostra regular ou distinto do resultado geral. A análise que empreendemos não seria possível se houvesse casos de comportamentos individuais muito discrepantes do padrão geral.

Quanto aos demais grupos de fatores, foram inicialmente mantidos os fatores considerados na análise de Schwindt (1995) listados abaixo:⁸

- d) tonicidade
e) contexto precedente
f) contexto seguinte
g) contigüidade
h) nasalidade
i) as variáveis sociais (desde que não na mesma rodada que a variável informante) – sexo, idade, escolaridade

Embora pudéssemos ter combinado os dados das três amostras em uma única rodada, os

resultados que aqui apresentamos referem-se, de início, a rodadas independentes, uma para cada amostra. Esse procedimento permite verificar o papel das variáveis linguísticas em cada amostra particular. Entretanto, fizemos também rodadas-teste com as três amostras reunidas (as quais permitem em alguns casos resultados melhores, devido a uma distribuição mais equilibrada dos dados por fator).

3.1 Os primeiros resultados

3.1.1 Variável Conjugação

Nas amostras, de Porto Alegre e Florianópolis, foi a primeira variável a ser selecionada; os resultados estão apresentados nas tabelas abaixo. Aqui fica evidente que os verbos de terceira conjugação favorecem muito a elevação, ao passo que os verbos de segunda conjugação a desfavorecem, restando os de primeira numa posição intermediária.

Tabela 3 – Conjugação Verbal para /e/ em Porto Alegre

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
I <i>divertir</i>	86/103	83	0,85
A <i>retirar</i>	41/93	44	0,66
E <i>parecido</i>	40/148	27	0,17
Total	167/344	49	

INPUT 0,50

Tabela 4 – Conjugação Verbal para /e/ em Florianópolis

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
I <i>divertir</i>	105/146	72	0,82
A <i>retirar</i>	27/105	26	0,64
E <i>parecido</i>	85/224	38	0,22
Total	217/475	46	

INPUT 0,44

Aponte-se, também, para o fato de que o percentual de aplicação é, nos verbos, ligeiramente mais alto que o percentual geral, indicado na tabela 1. Entretanto, esses números não permitem dizer que a elevação seja claramente favorecida pela classe dos verbos.

Na amostra de Curitiba, a variável conjugação não foi selecionada. Mesmo assim, apresentamos os resultados, com peso relativo retirado da análise do primeiro nível do *Stepdown* (a variável foi a primeira a ser descartada pelo *Stepdown*).

Tabela 5 – Conjugação para /e/ em Curitiba (variável não foi selecionada)

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
I <i>divertir</i>	77/119	62	0,53
A <i>retirar</i>	65/117	55	0,57
E <i>parecido</i>	63/130	48	0,41
Total	204/366	56	

INPUT 0,54

Fica evidente por que a variável não foi selecionada, dado que se verifica nesta amostra uma diferença pequena entre os percentuais dos três fatores da variável, isto é, o percentual de aplicação da elevação nos verbos de terceira conjugação não é tão alto quanto nas outras amostras, ao passo que o percentual de elevação nos verbos de segunda conjugação é claramente mais alto do que nas outras amostras; isso resulta em pesos relativos muito próximos e, conseqüentemente, a variável não foi selecionada como significativa.

Não obstante a variável não ter sido selecionada na amostra de Curitiba, o resultado dos percentuais aponta para o mesmo ordenamento em termos de favorecimento da elevação da vogal encontrado nas outras duas amostras: **Terceira > Primeira > Segunda conjugação**.

Ressalte-se aqui a uniformidade de distribuição dos dados. Embora fosse de se esperar um maior número de verbos da primeira conjugação, não houve uma diferença relevante, o que se explica pelo fato de o recorte determinar que as formas-alvo tinham de conter uma vogal /e/ pretônica e uma vogal alta em sílaba subsequente (lembramos que verbos da primeira conjugação não se combinam com os morfemas *-ia* (SMT imperfeito) e *-i* (SNP de perfeito). Fizemos também um levantamento manual em uma das amostras, a de Florianópolis, para verificar se não havia concentração de dados em um pequeno número de verbos na terceira ou na segunda conjugação e constatamos que, embora, de fato, alguns verbos sejam bastante recorrentes (querer, dever, existir, pedir, sentir), as razões entre número total de ocorrências e número de verbos diferentes para cada conjugação não diferem significativamente entre si na amostra analisada.⁹

Fica evidente que, de alguma forma, existe

correlação entre a conjugação verbal e a elevação da vogal /e/. A única amostra que não confirma esse padrão é a de Curitiba, pelo fato de a variável não ter sido selecionada. Vale lembrar que a taxa geral de aplicação da harmonia é significativamente mais alta nesta cidade do que nas outras capitais, o que também se confirma no *corpus* recortado dos verbos, apontado pelo input de 0,54. Reside, aí, possivelmente uma explicação para essa diferença.

Comparando os resultados da 3ª conjugação em relação à 2ª, poderíamos imaginar um fator que talvez favorecesse a elevação naquela conjugação: o fato de que, em muitas das ocorrências, a vogal-alvo seja a vogal do radical que, em outras formas do paradigma, apresenta-se como categoricamente alta (*vestir – visto*). Cabe lembrar que há, nos verbos de terceira, uma alternância entre vogal alta, média-alta e baixa. Um levantamento na amostra de Florianópolis indica que aproximadamente 70% das vogais alvo são vogais que, no paradigma, alternam com vogal alta.¹⁰ Já nos verbos de segunda, a alternância ocorre apenas entre vogal média-alta e média-baixa.

Os resultados para a 1ª conjugação, por outro lado, parecem ser explicados pelo fato de que esses verbos apresentam, na sua grande maioria, o gatilho no radical, como veremos adiante.¹¹ A diferença entre os resultados para a 1ª conjugação e os resultados para a 2ª parecem estar no fato de que a alternância vogal tônica/vogal átona, que caracteriza a grande maioria dos alvos da 2ª conjugação, funciona, no paradigma, como preservadora da vogal (*desço/desci*). Já os alvos de 1ª conjugação dificilmente recebem o acento (*preciso/precisei*) e são, portanto, menos preservados.

3.1.2 Variável informante

Como já dissemos, a *variável informante* teve em nossa análise a função de verificar a homogeneidade das amostras. Interessante constatar que a variável não foi selecionada em nenhuma delas. Isto confirma o que análises anteriores dessas amostras já tinham apontado: os informantes analisados constituem, do ponto de vista do fenômeno abordado, uma comunidade homogênea.¹² Assim, cada ocorrência do corpus pode ser considerada representativa da comunidade como um todo.

3.2 Variável localização do gatilho

A variável foi selecionada para as três amostras; os resultados podem ser conferidos nas tabelas 6, 7 e 8. Antes, entretanto, cabe apontar que o fator “Gatilho na vogal do radical tornada alta por metafonia”, como em *repita*, teve apenas cinco ocorrências em Florianópolis, quatro em Curitiba e nenhuma em Porto Alegre. Para que a distribuição de dados fosse mais equilibrada entre as células, retirou-se este fator das análises. Cabe referir, entretanto, que o percentual de aplicação de elevação foi baixo nas ocorrências registradas, o que sugere que a vogal elevada por harmonia verbal categórica nos verbos de terceira conjugação não alimenta a elevação variável da vogal pretônica.

Fica evidente que o fator *no tema verbal* favorece a elevação. Cabe lembrar que os dados que constituem este fator são todos de verbos da terceira conjugação, portanto este resultado já tinha sido previsto pela variável *conjugação*.

Ficam numa posição intermediária, mas bastante próxima em termos de percentual e de peso relativo, os fatores *no radical* e *no sufixo de participio*. Este resultado era também, de certa forma, previsto. São essas as formas que mais se aproximam às do corpus geral (que considera tanto verbos quanto nomes) e os pesos relativos, consequentemente, são também aproximados aos dessas análises.

Numa posição claramente desfavorecedora, está o fator *no SMT do futuro do pretérito*. Mais adiante, apresentamos possibilidades de explicação para esse resultado. Antes, convém conferir os demais resultados.

Tabela 6 – Localização morfológica do gatilho para /e/ nos verbos em Porto Alegre

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
No tema Verbal (VT) <i>conseguir, conseguiu</i>	17/19	89	0,97
No sufixo de participio (-ido) <i>conseguisse</i>	23/41	56	0,61
No Radical <i>precisa</i>	97/169	57	0,52
No SPN de pretérito perfeito <i>ofendi</i>	18/48	38	0,45
No SMT do pretérito imperf. <i>queria</i>	35/96	36	0,29
No SMT de futuro do pretérito <i>mexeria</i> ¹³	0/19		0,0
Total	190/373	51	

INPUT 0,53

Tabela 7 – Localização morfológica do gatilho para /e/ nos verbos em Florianópolis

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
No tema Verbal (VT) <i>conseguir, conseguiu</i>	36/44	82	0,88
No SMT do pretérito imperf. <i>queria</i>	81/136	60	0,65
No Radical <i>precisa</i>	54/153	35	0,39
No sufixo de participio (-ido) <i>vendido</i>	12/43	28	0,38
No SPN de pretérito perfeito <i>ofendi</i>	21/49	43	0,53
No SMT de futuro do pretérito <i>mexeria</i> ¹³	10/47	21	0,12
Total	217/472	45	

INPUT 0,45

Tabela 8 – Localização morfológica do gatilho para /e/ nos verbos em Curitiba

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
No tema Verbal (VT) <i>conseguir, conseguiu</i>	32/49	65	0,62
No SMT do pretérito imperf. <i>queria</i>	47/61	77	0,72
No Radical <i>precisa</i>	96/163	59	0,44
No sufixo de participio (-ido) <i>vendido</i>	12/32	38	0,44
No SPN de pretérito perfeito <i>ofendi</i>	14/35 C	40	0,54
No SMT de futuro do pretérito <i>venderia</i>	2/29	7	0,26
Total	204/362	56	

INPUT 0,54

O SNP do perfeito parece ocupar uma posição intermediária, nem favorecedora nem desfavorecedora. Cabe lembrar aqui que a vogal *i* que constitui este sufixo pode ser entendida como vogal temática, mesmo nos verbos de 2ª conjugação, tendo em vista que a vogal é acentuada, ao passo que os SNPs em geral não são acentuados em português. Por sua vez, o SMT do imperfeito não apresenta um padrão facilmente identificável, mas as análises de Curitiba e de Florianópolis sugerem que ele seja um favorecedor da elevação. Cabe, portanto, investigar o que levaria, na amostra de Porto Alegre, a uma posição de desfavorecimento da elevação. Para esta questão não temos resposta por ora. Apontamos, entretanto, para o fato de que as formas com o SMT de imperfeito são relativamente frequentes na língua falada, o que atesta o número de ocorrências nas tabelas acima. Considerando as observações na literatura sobre o

papel da frequência— tema que retomaremos adiante —suspeitamos encontrar aí uma explicação potencial para tais resultados.

Voltando aos resultados relativos à localização do gatilho no SMT de futuro do pretérito, há duas possibilidades de explicação para esse franco desfavorecimento da elevação, oriundas de perspectivas teóricas distintas.¹⁴ Do ponto de vista do uso, a forma verbal de futuro do pretérito tem uso reduzido no PB, sendo frequentemente substituída pela marca de imperfeito e, quando se apresenta, em geral está vinculada à fala cuidada ou à função de modalizador do discurso. Ora, em pesquisas sobre fenômenos com caráter difusionista (Phillips, 1984) e em estudos como o de Bybee (2001), tem-se defendido que a frequência de uso de determinada forma é um fator importante para a aplicação de fenômenos. Sabemos que nem todas as formas verbais têm a mesma frequência de emprego na língua falada. Seria, portanto, de se esperar que formas pouco frequentes apresentassem menor probabilidade de aplicação de elevação, ainda que tendo contexto fonético para tanto.

Do ponto de vista de uma teoria fonológica baseada em representações que contêm domínios prosódicos, como a palavra fonológica (Nespor e Vogel, 1986, Peperkamp, 1997, Vigário 2003), poderíamos aventar que esses morfemas se configuraram prosodicamente como palavras independentes. Ora, a harmonia vocálica não atravessa fronteiras de palavras prosódicas; por exemplo, num composto, como *odonto-clínica*, *velocímetro* ou *ferrovia* não ocorre a elevação da vogal do primeiro membro do composto, por harmonia com a vogal alta do segundo membro. Também está amplamente atestado que a harmonia não se aplica em formas como *negrinho*, *bolinho*, *pobrezinha* (exemplos de Bisol, 1989, p. 195) para os quais é defendida a existência de fronteira de palavra prosódica antes do sufixo (Vigário, 2003). Embora Bisol (1989) indique outras formas derivadas que não atestam harmonia e para as quais não podemos apresentar a mesma explicação em termos de fronteira prosódica (p. exemplo, *solista* e *certificar*), entendemos que pode haver explicação distinta para esta observação, o que então não invalida o argumento aqui apresentado. Vale lembrar que Vigário (2003) defende, com base na ocorrência de mesóclise (*falar-te-ei*), a existência de fronteira prosódica entre base e sufixo verbal.

Alguns dados permitem reforçar a tese:

fizemos um levantamento, restrito a uma das amostras, a de Florianópolis, das ocorrências do verbo *dever*. Das 18 formas no pretérito imperfeito, 16 apresentavam elevação, ou seja, 90% de ocorrências tinham a forma *divia* em vez de *devia*. Já para as 13 formas do futuro do pretérito encontradas, 10 tinham a forma *deveria*. Apenas um falante utiliza formas como *diviria* e parece inseguro quanto à realização, pois utiliza também *deviria*, ao lado de formas como *deveria*. O mesmo se confirma para outros verbos: das 7 ocorrências do futuro do pretérito do verbo *ser*, apenas duas têm a vogal elevada.

Como podemos ver, diferentemente do que apontavam análises anteriores, há uma diferença se o gatilho da regra está na raiz da palavra ou no sufixo verbal. Essa informação, de certa forma, já estava presente nos resultados para a variável conjugação verbal. Para os verbos da 1ª conjugação, praticamente a totalidade de dados tem a vogal do gatilho localizada no radical (a exceção são formas como *atravessaria*, por exemplo). Por outro lado, para os verbos da 3ª, mais da metade deles tinha a vogal gatilho no sufixo verbal. O que a nova variável “localização do gatilho” mostrou foi que o comportamento dos sufixos verbais não é homogêneo: alguns deles favorecem a elevação e outros a desfavorecem. Possivelmente por isso, em análises anteriores, era obscurecida a distinção entre localização do gatilho na raiz ou no sufixo verbal, justamente porque os sufixos verbais não se apresentam como uma classe coesa em termos de condicionamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando às questões inicialmente levantadas, quais sejam: (a) *qual é a frequência de aplicação do processo em verbos?* e (b) *onde se localizam os condicionadores do processo: dentro da palavra, na raiz ou nos sufixos flexionais?*

Pudemos constatar que a frequência de aplicação da elevação em verbos não é distinta da aplicação geral. Há, entretanto, na classe dos verbos, determinadas condições que favorecem a elevação, como, por exemplo, a vogal temática *i* nos verbos de terceira - que parece ser um importante gatilho para a regra -, ao passo que outras a desfavorecem - por exemplo, a presença de uma fronteira de palavra prosódica entre a base verbal e o SMT de futuro do pretérito.

Além disso, verificamos que vogal elevada por harmonia categórica, do tipo *preferir* → *prefiro*, não alimenta a elevação variável da vogal.

Quanto à discussão em torno do binômio variação em moldes neogramáticos/difusão lexical, o levantamento que fizemos não permite constatações conclusivas. Entretanto, os resultados encontrados dão alguns indicativos e permitem alguma problematização.

No entendimento de Oliveira (1992, p. 36), a harmonia vocálica cria flutuação alomórfica, também chamada de flutuação automática. Nestes casos, segundo o autor, a variação é falsa, porque os alomorfes têm um lugar específico de ocorrência. O morfema aparece em formas diferentes, a depender do contexto, mas não há variação. Assim, no caso do verbo *correr*, o alomorfe /kur/ sempre ocorre com o morfema de SNP *i* (1ª pessoa do pretérito perfeito), ao passo que o alomorfe /kor/ sempre ocorre com o morfema de VT *e* e o SNP *u* (3ª pessoa do pretérito perfeito); ou seja, não ocorre o contrário, /kur/ combinando-se com VT *e* e SNP *u* ou /kor/ combinando-se com SNP *i*.

Essa perspectiva não encontra respaldo nos resultados das amostras consideradas aqui, apontados nas tabelas 6, 7 e 8. Verificamos que nem sempre as formas com SNP *i* apresentam elevação; inclusive, o fato de que, nas três amostras, os pesos relativos para esse grupo de fatores mostrou-se próximo ao ponto neutro indica que esse fator não parece especialmente relevante na escolha da realização da vogal-alvo como alta. Mais uma vez, na amostra de Florianópolis, o que se observa é que, de fato, alguns verbos apresentam preferência pela vogal elevada na combinação com o SNP *i* (*pidi*, *sinti*, *sigui*), mas estes verbos ocorreram categoricamente com vogal alta nos dados dessa amostra. Estes verbos, realmente, parecem estar vivendo uma situação de fissão alomórfica (/pid/ - /ped/, /sint/ - /sent/, /sig/ - /seg/). Outros verbos aparecem, entretanto, ora com vogal alta (*conhici*, *isquici*), ora com vogal média (*conheci*, *isqueci*). Por outro lado, as mesmas tabelas sugerem que o sufixo de pretérito imperfeito seja um favorecedor da elevação (embora esse resultado não se confirme para a amostra de Porto Alegre). No entanto, mesmo com esse sufixo, não encontramos a distribuição complementar entre alomorfes prevista em Oliveira (1992). Embora se constate que, das 48 ocorrências do pretérito imperfeito do verbo *querer*, 47 têm a vogal elevada, encontramos outras formas que alternam, como *vindia* – *vendia*, *paricia* – *parecia*.

Como dissemos inicialmente, esta pesquisa tem, sobretudo, caráter descritivo, razão por que interrompemos por aqui as explorações em torno da controvérsia neogramática e deixamos esse espaço para reflexões futuras.

Referências bibliográficas

- BECKMAN, J. (1998) Positional Faithfulness. Tese de doutorado. University of Massachusetts
- BISOL, L. (1981) Harmonização vocálica. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. (1989) Vowel harmony: a variable rule in Brazilian portuguese. *Language Variation and Change* 1, p. 185-198. Cambridge University Press.
- BYBEE, J. (2001) *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. (2002) A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, nº 1, p. 9-24.
- KAISSE, E. e SHAW, P. (1985) On the theory of lexical phonology. *Phonology Yearbook*, n.2.p.1-30.
- KIPARSKY, P. (1988) Phonological change. In Newmeyer, F. (ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Vol. 1: Linguistic Theory: foundations. Cambridge: CUP. p. 363-415.
- LABOV, W. (1981) Resolving the Neogrammarian controversy. *Language* 57:267-309.
- NESPOR, M. and VOGEL, I. (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht, Holland: Foris.
- OLIVEIRA, M. A. (1992) Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, ano 4, v. 1p. 75-
- PEPERKAMP, S. (1997) *Prosodic words*. HIL Dissertations 34. The Hague: Holland Academic Graphics.
- SCHWINDT, L. C. (1995) *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- _____. (2002) A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- VIEGAS, M. C. (1987) *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEGAS, M. C. (2003) O alicamento de vogais médias pretônicas e as conseqüências de diferentes recortes na amostragem. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 307-18.

VIGÁRIO, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*, Berlin & New York: Mouton de Gruyter.

Notas:

¹ Não obstante, encontra-se na literatura também a hipótese de a vogal alta ser apenas fator coadjuvante num processo por difusão lexical (cf. Oliveira, 1992).

² Por exemplo, se o contexto precedente for de consoante labial (Bisol, 1989, p. 187), ou de consoante labial ou velar (Callou, Leite e Moraes, 2002). Segundo esses últimos autores, podemos identificar aí um processo distinto, de natureza fonética, de elevação da vogal /o/ “determinado pela configuração acústica dos segmentos consonantais adjacentes.”

³ O que se deve em parte ao fato de que, na estrutura morfológica verbal em língua portuguesa, é recorrente a vogal [i], seja como morfema (ex. vogal temática, desinência de 1ª pessoa (pret. perf.), seja como parte de um morfema desinencial (pret. imperfeito, futuro do pretérito); o mesmo não ocorre com [u].

⁴ Como referem Callou, Leite e Moraes (2002, p.11), segundo Révah (1958), a elevação da vogal é um processo muito antigo, já praticamente consolidado no português europeu no século XV e a variação existente no Brasil seria uma restauração. Os autores, porém, entendem que a variação existente no Brasil seria uma pronúncia conservadora em relação ao português europeu, já que há relatos de realizações alternantes das vogais altas e médias até o final do século XVIII em Portugal (cf. Carvalho, 1969 apud Callou, Leite e Moraes, 2002).

⁵ Entendemos que - num processo de natureza neogramática - não há motivações para o nivelamento paradigmático, ou seja, as formas que não têm contexto não sofrem a elevação. Sendo assim, se encontramos nivelamento, esse fatalmente indica uma situação de difusão lexical.

⁶ Embora reconheçamos que outras análises seriam possíveis, optamos por utilizar aqui a terminologia mattosiana. Assim, a vogal *i*, em *bebi*, é classificada como sufixo de número-pessoa e, em *bebia*, como elemento do sufixo de pretérito imperfeito. No caso do sufixo de participio (seguido), ainda que a vogal *i* possa ser considerada VT, optamos por deixá-lo numa categoria independente, por suspeitarmos de um comportamento diferenciado.

⁷ Bisol (1989, p. 194) observa, em nota, que, se retirados os verbos de primeira conjugação da análise, ocorre a elevação da taxa de aplicação da elevação, o que sugere que, na amostra considerada, a taxa de aplicação deva ser mais baixa nos verbos de 1ª conjugação do que nos demais verbos.

⁸ Dentre os grupos de fatores considerados na análise de Schwindt (1995), não foram considerados aqui os grupos “homorganicidade” – que se refere às combinações de vogal-alvo e gatilho no que se refere à posição anterior/posterior - e “localização do gatilho” – que se refere à localização do gatilho no radical ou no sufixo verbal ou nominal. O primeiro grupo, dado o recorte da nossa análise, não era mais relevante. O segundo

grupo foi substituído em nossa análise por grupo de fatores semelhante, mas com nova subdivisão de fatores.

⁹ Ao longo desse texto, faremos referência a essa amostra de Florianópolis. Limitamo-nos a analisar detidamente apenas uma das amostras por questões de tempo; a escolha recaiu sobre Florianópolis por ter se revelado a amostra intermediária, sob todos os aspectos, entre as demais.

¹⁰ Imagine-se que o falante pudesse confundir formações como *seguir/sigo* com *dirigir/ dirijo*, por exemplo.

¹¹ Observa-se, inclusive, na tabela 4, uma inversão entre a distribuição escalar das porcentagens e dos pesos relativos entre a 2ª e a 1ª conjugação; análise dos níveis iniciais do *Stepdown* mostra que essa inversão é principalmente motivada pela interação entre os grupos de fatores *conjugação* e *localização do gatilho*.

¹² Na análise de Schwindt (1995), as variáveis *sexo* e *idade* não se mostraram relevantes. A variável *escolaridade*, embora selecionada, apresentou índices muito próximos entre os três fatores. A única variável extralingüística que se mostrou relevante foi *variedade geográfica*, cujos resultados estão reproduzidos na tabela 1. Estes resultados indicam que as diferentes variedades geográficas se apresentam, do ponto de vista do fenômeno em estudo, como comunidades homogêneas.

¹³ Para que pudesse ser feita a rodada definitiva, o fator teve de ser retirado, uma vez que resultava em *knockout*.

¹⁴ Além destas, há uma terceira explicação imaginável, considerando-se que estas são as únicas formas em que a vogal-alvo é a vogal temática da segunda conjugação. Tendo em vista que, no paradigma verbal, a vogal temática é, em geral, gatilho de harmonia vocálica categórica (ver, em Battisti e Vieira, 2001, p.177-192, um resumo das diversas análises sobre o fenômeno em português), não se espera que ela seja alvo desse tipo de fenômeno. Há que se investigar mais a fundo a questão de por que em português existe essa assimetria invertida: as vogais temáticas, sendo afixos, desencadeiam a harmonia vocálica nos morfemas lexicais (contra o que prevê Beckman, 1998, por exemplo).